
- **LITERATURA COMPARADA III**

Coordenador(a): Elizele Dallcomune Hunhoff

AS HORAS: A NARRATIVA NARCISISTA DE MICHAEL CUNNINGHAM

Maria Aparecida de Oliveira (UNESP)

O presente artigo tem como objetivo demonstrar o caráter de duplicidade e narcisismo da arte na obra *As horas* (1999) do autor norte-americano Michael Cunningham, que parodia o livro *Mrs. Dalloway* (1972) de Virginia Woolf. Para tal investigação tomamos como embasamento teórico os pressupostos freudianos e derridianos presentes, respectivamente, em Sarah Kofman (1996) e Evando Nascimento (1999). Pretende-se analisar de que modo a construção da narrativa reflete sobre os próprios princípios da produção literária, numa infinita relação de duplicidade e espelhamento com a obra de Virginia Woolf, o que resulta em uma estrutura constante de mise en abyme. Trata-se de um livro (*As horas*) sobre um livro (*Mrs. Dalloway*), bem como do processo de leitura desse livro, já que o autor é também leitor do livro que parodia e, constrói personagens que são leitoras (Laura Brown, no segundo plano da narrativa) e questionadoras da obra de Virginia Woolf (Clarissa Vaughan/Richard Brown, no terceiro plano). Verifica-se que tal processo de construção, que reflete auto-conscientemente sobre a própria produção, revela a fragmentação do sujeito na sociedade contemporânea, em busca de recompor a sua história, volta os olhos ao passado para recolher fragmentos essenciais na construção da identidade.

DA VIAGEM À IMIGRAÇÃO: CAMINHOS DO EXÍLIO ATRAVÉS DOS RELATOS DE VIAGEM

Fernanda Müller (UFSC)

Numa era moderna considerada como espiritualmente destituída e alienada, de ansiedade e de ausência de vínculos, é significativo o fato da moderna cultura ocidental ser, em larga escala, obra não apenas de viajantes, mas de viajantes que não têm pátria, de ex-patriados. Esse quadro pode ser analisado no Brasil quando, a partir do século XIX, colonizadores, naturalistas, peregrinos e visitantes dão lugar a levas de imigrantes, cuja dolorosa experiência do não-pertencer, do exílio da pátria por causa da política ou da necessidade, os embarca em uma viagem com passagem só de ida. Influenciados pela experiência de seus pais, seus descendentes compõem relatos que não percorrem mais por terras regadas a nacionalismo ou exotismo, mas que abandonam o eixo espacial em prol da reconstituição de uma viagem temporal, pelas trilhas da memória. Não mais a história de alguém distante no espaço, mas a própria história distante no tempo. A subjetividade do sujeito pós-moderno, um modernismo de exilados fraturados e

mutilados pela separação, é o foco do nosso trabalho, que questiona a ruptura gerada pelos novos caminhos narrativos do relato de viagem a partir das obras *Relato de um certo Oriente* e *Amrik*, ambas de autores contemporâneos no limiar do contato cultural.

DO VELHO MIRIGIDO AO PREDADOR: ESTEREÓTIPOS DE PRETOS FIÉIS E AMEAÇADORES NA LITERATURA E ARTES SEQUENCIAIS

Sílvio Roberto dos Santos Oliveira

A imagem do negro apresentada em textos literários, filmes, programas de televisão e quadrinhos no Brasil tem sido submetida a diversos estereótipos. Os estereótipos mais comuns são os do negro fiel e do negro vingativo. A literatura brasileira reproduz, desde o Barroco, uma outra imagem do negro, quase velada, porém insistente, que o compara a animais. Por exemplo, isto acontece no poema dedicado *A negra Carina* por Gregório de Matos. Com o passar do tempo e o acirramento dos processos discriminatórios, o negro foi associado a monstros, ao demoníaco ou a fantasmagorias. Nesse caso se enquadra o personagem do romance *Cazuza*, de Viriato Correia, o Velho Mirigido. Essa imagem estereotipada rompe as fronteiras geográficas e das linguagens. Apresenta-se também em obras de autores estrangeiros divulgadas no Brasil. Por exemplo, em filmes e quadrinhos norte americanos como *O Predador* e em histórias do Tio Patinhas. O presente trabalho intenta mostrar a persistência de tais estereótipos bem como indicar propostas artísticas de desconstrução dos mesmos, elaboradas por artistas negros.

ELOS INTERTEXTUAIS E IDEOLÓGICOS. RELAÇÕES QUE SE ESTABELECEM ENTRE AS CANÇÕES DE TRÊS OBRAS DRAMÁTICAS

Sueli Regina Leone

Entre os muitos aspectos que envolvem o estudo do gênero dramático musical, desde as óperas, as operetas até os musicais da Broadway, a música merece uma consideração especial, pelo fascínio que exerce sobre as pessoas. Partindo-se dessa constatação, este trabalho objetiva mostrar o importante papel das árias e canções de três obras dramáticas - a Ópera do Mendigo, a Ópera dos Três Vinténs e a Ópera do Malandro - apontando as relações intertextuais e ideológicas que as unem. A Ópera do Mendigo, de John Gay, é o texto paradigma de obras recorrentes como a Ópera dos Três Vinténs, de Bertolt Brecht, e a Ópera do Malandro, de Chico Buarque de Hollanda. Os elos existentes entre as canções das três óperas são marcantes, uma vez que elas suscitam um pensar e um repensar constantes. Oscilando entre as dimensões do real e da fantasia, as músicas estabelecem relações de intertextualidade entre si e, ao mesmo tempo, são instrumentos de contestação dos padrões estabelecidos.

EROTISMO E LITERATURA COR-DE-ROSA

Vivian Carla Antunes de Oliveira (UFMS), Josélia Aparecida Pires Vicente (UFMS)

Os conceitos de amor seja o platônico ou erótico, estão intrínsecos na literatura desde sempre. Nesta comunicação será apresentada a evolução histórico-cultural do erotismo desde as primeiras obras românticas até as narrativas de massa. Tendo início em *Senhora de José de Alencar*, *O Primo Basílio* de Eça de Queiroz, *Memorial do Convento* de José Saramago até *Sabrina*, *Júlia* e *Bianca* (narrativas de massa).

Em suma, é por intermédio da análise dessas obras que tentaremos demonstrar a passagem da literatura dita “erudita” para a literatura de massa em sua evolução cultural, sem excluir, no entanto, temas de interesse e importância universal como o amor e o erotismo.

LINGUAGEM E EFEMERIDADE NA POESIA

Elizete Dallcomune Hunhoff (USP)

Reflete-se, neste texto, a existência de muitas definições para a poesia. Porém, a autora diz que nenhuma parece ser suficiente para encerrar todos os seus aspectos essenciais de causar emoções e prazer estético. Por isso, num estudo comparativo, analisaram-se os fatores de linguagem, comuns e divergentes, em poemas de Florbela Espanca e de Cecília Meireles, com o objetivo de investigar marcas lingüísticas de efemeridade e negação existentes na lírica das autoras. Estas, que assim como Lilith, encarnam o espírito romântico de revolta e impelem o leitor a pensar na maldição lilithiniana - o destino da infelicidade. A análise será feita sob a visão da Literatura Comparada, que busca visualizar o belo, a fruição e a formação humana. Como diz Pichois ao parafrasear Sartre, quanto ao existencialismo, que a literatura comparada é um novo humanismo, cuja tarefa seria a de orientar-nos num concerto discordante.

PARALELOS CRÍTICOS: UM CONFRONTO ENTRE JOSÉ DE ALENCAR E MÁRIO DE ANDRADE

Mirhiane Mendes de Abreu (UEL)

O objetivo deste texto é compreender o processo pelo qual romantismo e modernismo, por intermédio da atuação marcante de José de Alencar e Mário de Andrade, elaboraram idéias teóricas e críticas que visavam a propiciar as bases para a formulação de um programa literário claramente organizado. As pesquisas especulativas de um e outro possibilitaram a efervescência do debate em torno de idéias estéticas e atitudes literárias, com reflexões que apontam para um mesmo propósito: o de alimentar a consciência da própria criação. É assim, pois, que os escritores de Iracema e Macunaíma definiram em artigos de viés crítico-teórico as formas e os temas aptos para o desenvolvimento da literatura nacional, encarada pelo seu caráter particular, o que os levou a estabelecer as bases dos elementos diversos das suas obras, destacando, dentre eles, o problema da linguagem.

Guardadas as especificidades de cada momento e autor, este trabalho propõe um paralelo entre ambos, notadamente no tocante ao debate acerca de um estilo das letras nacionais. Em se tratando da pesquisa romântica, o espírito de nacionalidade que alimentou a renovação literária aspirava ao fortalecimento do trabalho de elaboração da nova pátria recém-independente, afirmando o que havia de mais positivo no Brasil e nos brasileiros. Do lado modernista, a preocupação com a nacionalidade esteve entremeada com o ideal de atualização técnico-estética no Brasil, em face das vanguardas européias. Nesses termos, a análise recairá sobre uma comparação entre os paratextos de Alencar, escritos como prefácios e posfácios aos romances *Diva* e *Iracema*, e os ensaios de Mário de Andrade reunidos em *O empalhador de passarinho* e *Aspectos da literatura brasileira*, os quais discutem claramente o problema aqui proposto.

THE GOOD WOMAN OF SETZUAN: UM EMBLEMA DA MODERNIDADE NA MODALIDADE PARABÓLICA

Marco Antônio Domingues Sant'anna (UNESP)

Com o presente trabalho, pretendo demonstrar que é possível observar-se o mecanismo de composição da peça "The Good Woman of Setzuan", publicada em *Parables for Theatre*, de Bertolt Brecht, por meio da detecção e análise de um esquema de tensões sob o qual esta parábola moderna está construída. Tal esquema subdivide-se em pelo menos três aspectos distintos: em primeiro lugar, percebe-se uma tensão entre o espaço de experiência dos habitantes de Setzuan e seu horizonte de expectativas, de modo que as pessoas que lá residem não se revelam satisfeitas com a situação em que estão e desejam alterá-la. Em segundo lugar, a tensão está relacionada

com os personagens dos deuses que ali aparecem, os quais apresentam índices de contradição entre a posição idealizada que desejam continuar ocupando e a realidade com que são confrontados em relação a isso; entre sua descrição física em contraste com sua apresentação psicológica; e entre a luta dos deuses em manter o mundo como ele é contra a dos ateístas em quererem modificá-lo. Um terceiro tipo de tensão se estabelece na categoria da protagonista, Shen Te, que, de um lado é apresentada como o melhor ser humano de Setzuan e, de outro, como uma prostituta. Como personagem moderna, Shen Te não apresenta caráter plenamente acabado, pronto ou perfeito, mas fragmentário e instável. A combinação em sua personalidade de elementos comumente incombináveis faz dela um ser em constante conflito consigo mesma e com o mundo ao seu redor. Assim, a desigualdade de sua natureza e a ambigüidade de sua essência, reveladas pelo impossível enquadramento no modelo idealizante imposto pelos deuses, leva-a a um desespero impossível de ser atenuado. Por essas características formais da parábola de Brecht pode-se, então, considerá-la uma representante emblemática das parábolas modernas em contraste com o modelo da parábola antiga.